

SALES, Valéria Fernanda Sousa. **Etnografia no campo movente: alteridade e afeto na Iluminação de Finados em Curuçá-PA.** Belém: UFPA/PPGARTES/ICA/UFPA; Doutorado; Miguel Santa Brígida. Atriz e encenadora.

RESUMO: O texto revela dados da pesquisa no Dia de Finados em que o cemitério São Bonifácio fica todo iluminado pelas velas acesas nos túmulos, recebendo muitos visitantes para homenagear e lembrar seus familiares falecidos. Contextualiza um campo movente de relações que coloca a artista-pesquisadora-afetada no tempo, condições e inteireza do fenômeno na história curuçaense. Campo de pesquisa que se moveu às cidades históricas mineiras de Sabará e Ouro Preto para compreender e tornar visível o primeiro cemitério de Curuçá que foi na igreja de NSra do Rosário. O artigo apresenta um olhar etnocenológico para perceber as nuances de alteridade e afeto presentes na etnografia da Iluminação de Finados em Curuçá- PA, pesquisa de Valéria Fernanda Sousa Sales, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/ICA/UFPA).

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia, Iluminação de Finados, Artista-Pesquisadora-Afetada.

RESUMEN: El texto revela datos de la investigación en el Día de Finados en que el cementerio São Bonifácio queda todo iluminado por las velas encendidas en las tumbas, recibiendo muchos visitantes para homenajear y recordar a sus familiares fallecidos. Contextualiza un campo móvil de relaciones que coloca a la artista-investigadora-afectada en el tiempo, condiciones y entereza del fenómeno en la historia curucaense. Campo de investigación que se trasladó a las ciudades históricas mineras de Sabará y Ouro Preto para comprender y hacer visible el primer cementerio de Curuçá que fue en la iglesia de NSra do Rosário. El artículo presenta una mirada etnocenológica para percibir los matices de alteridad y afecto presentes en la etnografía de la Iluminación de Finados en Curuçá-PA, investigación de Valéria Fernanda Sousa Sales, doctoranda del Programa de Postgrado en Artes de la Universidad Federal de Pará (PPGARTES / ICA / UFPA).

PALABRAS-CLAVE: Etnografía, Iluminación de Finados, Artista-Investigadora-Afectada.

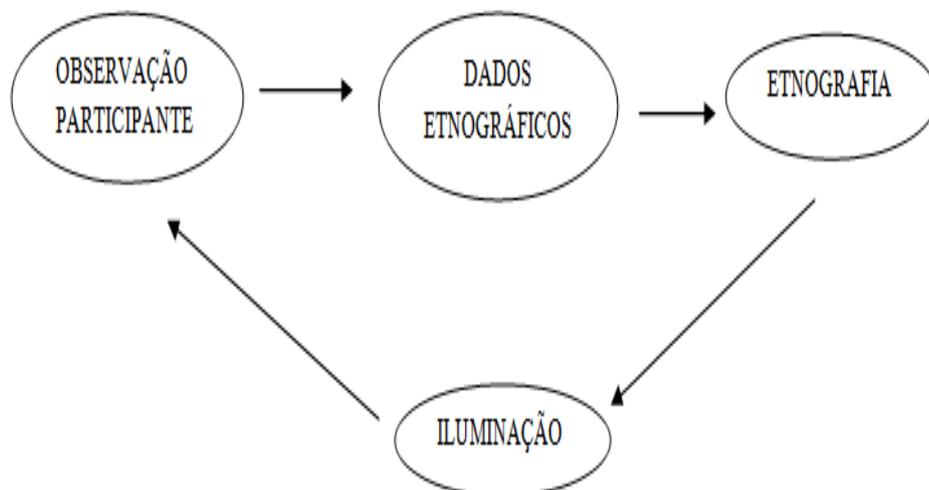
ETNOGRAFIA DA ILUMINAÇÃO DE FINADOS

Acender velas para iluminar o caminho dos mortos no Dia de Finados no Município de Curuçá-PA é uma tradição. Desde a fundação do Cemitério São Bonifácio no ano de 1855, familiares e amigos de quem ali foi sepultado, fazem suas homenagens, seja consertando, enfeitando ou iluminado os túmulos. Homenagens que têm sua culminância no dia 02 de novembro, mas que seus preparativos se iniciam dez meses antes com a plantação da *mandiocaba* (mandioca doce) para a feitura da bebida típica deste momento de saudade, a *manicuera* que é feita do sumo fervido da mandiocaba e servida em uma cuia com arroz ou macaxeira cozida.

A Iluminação de Finados tem data estabelecida e como preparação para este dia, há toda uma programação que, segundo Sales (2017), inicia-se com a plantação da mandiocaba; confecção de grinaldas de flores; limpeza do cemitério por trabalhadores autônomos (biscateiros) e pela prefeitura municipal; demarcação e organização do Bosque da Igualdade para as vendas realizadas em frente ao cemitério; preparação de comidas (maniçoba, biscoitos de coco)... O Dia de Finados tem visitas ao cemitério durante o dia todo, com o maior fluxo de pessoas à noite.

Verificando toda estrutura da Iluminação (preparação e visitação), elaborei um cronograma para realizar a primeira pesquisa de campo do doutoramento no Dia de Finados de 2017, tendo como base a observação participante para coletar dados e realizar a etnografia do fenômeno. Uma Imagem-Cronograma que organizasse minhas ações no campo, orientando para a coleta de dados e reflexões que levassem à etnografia do dia de homenagem aos mortos.

Imagem 1: Imagem-Cronograma para realizar a Etnografia da Iluminação.



Fonte: Pesquisa de campo, imagem da autora, 2017.

A Imagem-Cronograma (ver imagem 1) que criei para o campo, estabelece a artista-pesquisadora-afetada presente no fenômeno, coletando os dados etnográficos em uma relação constante de alteridade com os participantes deste momento, para uma etnografia singular de homenagem aos mortos. Com o olhar atento aos rituais em enfeitar, acender velas, conversar, rezar e homenagear os falecidos, registrando não só na caderneta de campo, como também no olhar, no corpo e no afeto das relações ali estabelecidas. Imagem que inicia seu ciclo na

Iluminação e termina com o retorno a ela para junto aos participantes se estabelecerem reflexões sobre este fenômeno.

Buscando chegar à primeira vez a campo para a coleta de dados e uma posterior etnografia da Iluminação, elaborei a Imagem-Cronograma com o pensamento na experiência vivida e importante na reflexão sobre o fenômeno investigado. O texto *Contribuições possíveis da Etnografia e da Auto-Etnografia para a prática artística*, de Sylvie Fortin, traz conceitos sobre Etnografia e Dados etnográficos, principalmente em pesquisas doutorais, nas quais há muitas contribuições para o campo das linguagens artísticas, pois faz reflexões sobre suas experiências de pesquisa em dança e de seus cinco anos na docência de metodologia. Aborda questões importantes como a coleta de dados etnográficos e seus tipos – um deles a observação participante, a consignação desses dados e a corporeidade do pesquisador:

[...] os dados etnográficos fornecem as chaves do mundo, representado ou vivido pelo artista. Elas não fazem como as imagens e os símbolos dados e experimentar fora da tomada de contato com a produção artística, mas pela consignação dos detalhes da prática pelas quais, retratadas e examinadas minuciosamente desencadeiam o jogo da visão interior e confirmam ao leitor uma compreensão baseada sobre a experiência de pesquisador em presença íntima com a coisa a ser compreendida. (FORTIN, 2009, p. 82).

Como coloca Sylvie Fortin com grande relevância para as artes, sendo “[...] a experiência de pesquisador em presença íntima com a coisa a ser compreendida”. Experiência que mesmo sendo pensada e elaborada como um mapa mental tem vida própria, dita suas regras e coloca o pesquisador a seu tempo, condições e relações. São partes mínimas de ações significativas que precisam de olhos, ouvidos e corpos sensíveis para percebê-los em momentos únicos de alteridade no campo de pesquisa.

A PESQUISA DE CAMPO NO DOUTORAMENTO

A primeira pesquisa de campo sobre a Iluminação no doutoramento se deu no período de 30 de outubro a 02 de novembro de 2017. Com um roteiro pré-estabelecido fui a campo registrar, observar e entrevistar os biscateiros em seus serviços, as vendedoras de grinaldas de flores, as vendedoras de manicuera...

Observei o que aconteceu até o dia 01 de novembro, contudo no dia da Iluminação quando iria passar o dia todo no cemitério conversando, observando, fotografando, não foi possível. Logo que cheguei ao Bosque da Igualdade, o Prefeito de Curuçá, Sr. Jefferson Miranda (Tarrafa), convidou-me para palestrar sobre a Iluminação de Finados, em frente ao cemitério, no Dia de Finados. Todo o roteiro pré-estabelecido foi desfeito e – diante daquele convite – refeito.

O que havia iniciado com a observação participante, entrevistas não-estruturadas e registros fotográficos, não seria mais possível ser realizado como o planejado, pois durante as visitas ao cemitério pela manhã seria tranquilo, mas à noite ficou com o horário limitado. Para a apresentação da pesquisa sobre Iluminação, a Prefeitura junto à Secretaria de Cultura, montou uma estrutura com telão, som, Data show, microfone e um apresentador. Uma estrutura que me colocou em frente ao cemitério São Bonifácio como a pesquisadora da Iluminação. Já entrei no campo como a pesquisadora, não mais como alguém desconhecido como foi com a pesquisa do mestrado sobre o Frete do Abade.

Na pesquisa sobre o ritual fúnebre do Frete (SALES, 2014), mergulhei no cotidiano da Povoação São João do Abade em Curuçá-PA. Naquela pesquisa, eu pouco conhecia a povoação e a mesma me conhecia como a professora da escola de Ensino Médio da povoação. O primeiro encontro com o Frete se deu em frente a esta escola e me levou a um misto de sensações, medos e lembranças da infância. Precisei conhecer ruas, casas, pessoas e finados. Foram rituais católicos, evangélicos, ritos de passagem, tradições fúnebres e maneiras de olhar para aquele que fez a passagem de vivo para morto, que mudou da casa dos vivos para a casa dos mortos, o cemitério.

A coleta de dados se deu em livros de óbito, de registro de Irmandades católicas, sobre a história de Curuçá, velórios, na rua durante o cortejo fúnebre, no cemitério para o sepultamento, em entrevistas não-estruturadas... Registro feito através de fotografias, filmagens, anotações, sensações e muitas escritas no corpo alterado na rua com aqueles que homenagearam seu amigo em sua última passagem por aquele lugar. O Frete se faz para alguém considerado bom, querido,

amigo, prestativo na povoação, o falecido que não estabeleceu uma boa relação não terá Frete e sim um enterro como forma de punição pela falta de amizade.

Mesmo o Frete e a Iluminação sendo pesquisas com a mesma temática do homem em rituais diante da morte, são campos diferentes:

Quadro 1: Comparativo entre pesquisas de campo com a mesma temática.

FRETE	ILUMINAÇÃO
Foi preciso conhecer a Povoação São João do Abade;	Chega-se ao campo como a pesquisadora da Iluminação;
Não tem dia nem hora para acontecer;	A Iluminação de Finados é no dia 02 de novembro;
Tem um itinerário que começa no local onde o falecido está sendo velado e depois se interliga à rua até o cemitério São Bonifácio;	Acontece no cemitério São Bonifácio e tem em frente o Bosque da Igualdade para venda de comidas, outros produtos e serviços;
Começa com o velório e termina com o sepultamento ou com a volta dos participantes para o Abade;	Dia 02 de novembro durante o dia e a noite;
Pode acontecer durante várias vezes no ano ou não acontecer;	Acontece só uma vez por ano;
No Frete, artista-pesquisadora-participante;	Na Iluminação, artista-pesquisadora-afetada;
Caderneta de campo, máquina fotográfica, filmadora;	Caderneta de campo, máquina fotográfica, drone;
Local do velório, rua, cemitério.	Cemitério São Bonifácio e outros cemitérios: Igreja de NSra do Rosário (Curuçá), Igrejas Históricas de Minas Gerais (Sabará e Ouro Preto).

Fonte: Pesquisa de campo, quadro da autora, 2018.

Como se verifica no quadro comparativo acima, as pesquisas do Frete e da Iluminação tendo a mesma temática (o homem diante da morte) e serem no mesmo local (Curuçá-PA), são em tempos diferentes, têm pessoas diferentes e para a pesquisadora, são experiências diferentes e com novos entendimentos. No mestrado havia a preocupação em etnografar o Frete, pois o fenômeno não estava registrado em livros para ser pesquisado em bibliotecas e poderia não acontecer durante os dois anos da pesquisa. Havia também o enfrentamento de uma barreira invisível para a pesquisadora que era o seu terror sobre a morte na vida e a familiarização dela na literatura... Foram muitos obstáculos quebrados em ritos de passagem para a pesquisadora que chegou ao doutorado com novos desafios, novos olhares, outros corpos.

Quando elaborei a Imagem-Cronograma para a pesquisa, sabia que a partir desta primeira ida a campo, seriam novos caminhos e métodos de coletas de dados, como o caso do registro aéreo do cemitério à noite todo iluminado pelas velas, enfeitado de flores e com as lápides todas limpas e pintadas.

Figura 2: Cemitério São Bonifácio à noite na Iluminação de Finados 2017.



Fonte: Pesquisa de campo, imagem de Silva Drone, arquivo da autora, 2017.

A imagem acima mostra o cemitério São Bonifácio todo iluminado no dia 02 de novembro de 2017. Para fazer este registro precisei pensar em um novo método para esta coleta de dados etnográficos, o drone executou muito bem esta função, além de interagir e causar estranhamento em quem foi à Iluminação. Uma imagem de um dia único e de diversos afetos que giram em conversas, vendas, visitas, lembranças, homenagens e muita saudade. O drone proporcionou uma visão ampliada deste lugar, não somente uma imagem horizontal, mais também uma visão vertical como o Cruzeiro no meio do cemitério que possui os dois pólos de ligação entre a vida terrena e a espiritual, uma ligação entre as casa dos mortos e a dos vivos.

O Afeto em suas diversas formas aparece em quem ilumina, vende, registra, toca na banda, limpa o campo santo, faz as comidas, conversa, abraça, chora,

ingere bebidas alcoólicas, namora, veste-se para o olhar do outro, reencontra amigos, pesquisa... O afeto me apareceu na Iluminação nas mãos da moça que me vendeu a grinalda de flores para enfeitar o túmulo da minha avó, na vela em sua chama brilhante no Cruzeiro para iluminar meus parentes que não estão sepultados no São Bonifácio, no olhar curioso de quem viu o drone sobrevoando o cemitério, nas crianças que brincavam ao redor de túmulos de outras crianças...

Indo a campo pela primeira vez no doutoramento, confirmou-se o movimento do fenômeno que cada vez que acontece é diferente, mesmo sendo no mesmo período e no mesmo lugar. Contudo são tempos, pessoas, situações e afetos diferentes. Como não pensar que o Prefeito de Curuçá em seu primeiro mandato não só organizou a Iluminação para a sua gestão, como também por ser a primeira Iluminação do seu falecido pai? Como a venda de bebidas alcoólicas foi proibida, algumas pessoas já chegavam com suas bebidas para levar ao túmulo do amigo que sempre bebia? Por que alguns pais levam seus filhos para passear no cemitério?

A ETNOGRAFIA NO CAMPO MOVENTE

Em *A Importância da Etnografia nas Pesquisas em Dança: compartilhamentos, intersubjetividade, dialogismo*, de Rosana Lobo (2015), tem-se questões importantes de Bronislaw Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental* sobre a etnografia. A maneira clara e objetiva de se apresentar os resultados em uma descrição minuciosa da coleta de dados e análise dos resultados, uma análise sem privilégios, o contato íntimo com o campo e seus componentes, anotações detalhadas sobre o campo e suas relações sociais. Sendo o principal aspecto em uma pesquisa de campo: a vivência.

[...] Estudar as instituições, costumes e códigos, ou estudar o comportamento e mentalidade do homem, sem atingir os desejos e sentimentos subjetivos pelos quais se vive, e sem o intuito de compreender o que é, para ele, a essência de sua felicidade, é, em minha opinião, perder a maior recompensa que se possa esperar do estudo do homem. (MALINOWSKI, 1976, p. 34 apud ROSÁRIO, 2015, p. 33).

A pesquisa de campo sobre a Iluminação se apresentou em 2017 organizada para coletar os dados da pesquisa, sendo um cronograma estabelecido e que na

vivência do campo tudo que se planeja é movente. Questões surgem durante a observação participante e nas reflexões para se fazer uma etnografia minuciosa do campo, e a exemplo de Malinowski, o que se aprende de mais importante em pesquisar o comportamento do homem é viver, sendo esta a maior recompensa. Vivi o primeiro campo que se moveu a outros campos de pesquisa para se compreender como nasceu o cemitério em Curuçá, cujo primeiro foi na Igreja de NSra do Rosário (a igreja matriz).

Até o século XIX no Brasil muitos sepultamentos eram realizados nas igrejas, no Adro ou Átrium. Os fiéis acreditavam que sendo sepultados na casa de Deus estariam mais próximos dos santos, das orações e assim alcançariam um lugar no céu. Aquele que estivesse próximo à morte recebia um aviso (sonho, diagnóstico de doença...) e se preparava para seu féretro, estabelecia seu testamento, o moribundo era o anfitrião do seu velório. Este era o período da *Morte Domada* (ARIÈS, 2012) ela era familiar, as pessoas não temiam a morte, todos eram bem vindos à despedida de seu familiar que os recebia com bebidas e comidas em seu leito de morte. Chegada a hora o padre dava a Extrema Unção e o moribundo partia na presença de familiares e amigos próximos. Curuçá também presenciou o período da Morte Domada onde os sepultamentos dos cristãos curuçaenses eram na igreja de Nossa Senhora do Rosário.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário em Curuçá foi edificada e concluída no ano de 1757, segundo Paulo Henrique Ferreira (2005) por padres Jesuítas e com a ajuda de índios. Até 1856 foi o cemitério em que foram sepultados fiéis cristãos. Em Livros de Óbitos do século XIX que se encontram no arquivo Público Municipal de Curuçá é possível verificar registros de sepultamentos feitos na Igreja, Quadras 1 a 55 da Igreja... Valéria Sales (2014) aponta nestes livros de óbitos o sepultamento de escravos, índios, cafuzos, mamelucos, anjos e anjos escravos. Registros que mostram uma Villa Nova Del Rey (Curuçá) antes da Abolição dos escravos e da Lei do Ventre Livre. Momento de Funeral Barroco com féretros públicos, acompanhados por padres e Cruz da Fábrica (bandeira símbolo da Igreja Católica).

Imagens 3 e 4: Igreja de NSra do Rosário em Curuçá-PA.



Fonte: Imagem da autora, 2013.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário em Curuçá (ver imagem 3) parou de receber sepultamentos no ano de 1855 quando o Brasil já sofria de epidemias como a Febre Amarela que ceifou muitas vidas, superlotando cemitérios e causando risco à população. Havia assim uma grande probabilidade de contaminação dos fiéis que iam às missas pela manhã. Foi então estabelecida a Política Higienista que proibiu os sepultamentos nas igrejas. Os sepultamentos passaram para um lugar distante do centro da cidade, em Curuçá foi construído o Cemitério São Bonifácio. A igreja ficou restrita às celebrações católicas.

Do ano de 1855 até 2007, a Igreja de NSra do Rosário passou por diversas reformas e modificações estruturais: na década de 1920 o piso em madeira foi todo retirado; em 1970 foi retirada a madeira do Coral e incorporado o concreto para estruturar a laje da igreja; o Altar-mor em madeira talhada foi destruído pelo cupim e retirado da igreja; O Palacete dos Andirás (ao lado esquerdo da igreja, ver imagem 4) foi o Colégio dos Jesuítas permanecendo dele somente a fachada, tendo toda a parte de trás reconstruída para ser uma grande salão. No ano de 2007 um decreto da Prefeitura Municipal, na administração do prefeito Josué Neves, tombou a igreja

de NSra do Rosário proibindo assim modificações que descaracterizasse mais ainda este patrimônio histórico de Curuçá.

Diante de tantas modificações estruturais ficou difícil visualizar o cemitério na igreja matriz de Curuçá, o que se tem são os registros de óbitos do século XIX que evidenciam estes sepultamentos na igreja, mas só será possível verificá-los através de escavações dentro, nas paredes, ao lado e atrás da igreja. Foi diante desta impossibilidade de visualização do primeiro cemitério de Curuçá que meu Campo de Pesquisa se moveu para as cidades históricas mineiras de Sabará e Ouro Preto para verificar igrejas contemporâneas às de Curuçá para obter uma dimensão deste espaço tão sagrado e campo santo nas igrejas.

Imagens 5 e 6: Igreja de NSra do Carmo de Sabará (MG)



Fonte: Pesquisa de campo, imagens da autora, 2018.

Em julho de 2018 o campo da minha pesquisa se moveu para as cidades históricas de Sabará e Ouro Preto em Minas Gerais. Cheguei a Sabará para conhecer a Igreja de Nossa Senhora do Carmo (ver imagem 5) que é considerada um dos museus de Aleijadinho. A Igreja teve sua pedra fundamental lançada em 1767 e no mesmo ano foi entronizada a padroeira. Os relevos esculpidos no

frontispício (em pedra-sabão) e na portaria, as esculturas dos púlpitos, do coro, das balaustradas, as esculturas de São João da Cruz e São Simão Stock da igreja são da responsabilidade de Aleijadinho¹. Fui recebida pelo guia da igreja que além das obras de Aleijadinho, mostrou-me toda a estrutura das igrejas barrocas daquele período: o piso todo em madeira com inscrições em algarismos romanos (ver imagem 6), furos ao lado da madeira, explicou-me tudo que acontecia no Funeral Barroco – o que fui só confirmando de pesquisa anteriores, até na minha dissertação – e para me abrir de vez o campo de visão do cemitério na igreja: pegou no furo ao lado da madeira e abriu um túmulo para eu visualizar como os corpos eram sepultados, decompostos e após três meses, colocados os ossos no ossuário que ficava bem próximo ao altar. A igreja de NSra do Carmo possui ainda hoje um cemitério (em frete a igreja) destinado somente aos componentes de sua irmandade.

Imagens 7 e 8: Igreja de São Francisco de Assis de Ouro preto- MG



Fonte: imagens de Anataciara Ferreira, arquivo da autora, 2018

A igreja de Ordem Terceira de São Francisco de Assis (ver imagem 7) data seu início de 1771, toda projetada por Aleijadinho, possui um acervo de santos de roca, pinturas e esculturas de Aleijadinho, uma pintura no teto que é dedicada à Nossa Senhora Porciúncula cercada de anjos músicos... Realmente um lugar de

¹ www.wikipidea.org/igrejadenossasenhoadocarmodesabara

muitas obras em detalhes de histórias e memórias, um lugar que também tem um cemitério ao lado (ver imagem 8) ligado à sua irmandade. O piso em madeira com inscrições em algarismos romanos com furos ao lado na madeira e próximo ao altar identifiquei o ossuário. Foi uma confirmação de uma estrutura de igrejas contemporâneas do século XVIII como a de NSra do Rosário em Curuçá.

Naquele momento pude perceber o quanto a igreja de NSra do Rosário foi modificada, o quanto de sua história foi retirada e o quanto os curuçaenses perderam suas memórias e referências de uma história tão rica e importante. Foram inúmeras informações e detalhes que ainda estão me afetando e que preparei um mapa do possível primeiro cemitério de Curuçá. Cheia de imagens continuei a caminhada e cheguei à igreja de São Francisco de Assis, outro museu de Aleijadinho. O que me chegou como comprovação de toda aquela visualidade que presenciei em Sabará, com mais obras de Aleijadinho e a madeira talhada em detalhes tão preciosos de se ver e se afetar.

A pesquisa da Iluminação de Finados em Curuçá-PA vive em um campo movente em que há alterações do campo, no campo, em outros campos. A etnografia está em processo de escrita e reflexão, são dados a serem analisados para se elaborar novas formas metodológicas e se pensar uma pesquisa em artes. Um campo movente em que se vivem relações de afeto com familiares e amigos que são iluminados para encontrarem seus caminhos na eternidade. Dados etnográficos, recursos metodológicos de registro do campo, maneiras de olhar o campo, o pesquisador que entra no campo e juntos se modificam durante a pesquisa. Novas relações são criadas, modos de ver, sentir e tradições que giram em um campo movente.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso).

FERREIRA. Paulo Henrique dos Santos. **Fragmentos históricos de Curuçá**. 1ª Edição, volume 2. Castanhal-Pará: Graf-Set, 2005.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Instituto de Artes da UFRGS, n. 7, 2009.

ROSÁRIO, Rosana Lobo. A Importância da Etnografia nas Pesquisas em Dança. In: CAMARGO, Giselle G. A. (Org.) **Antropologia da Dança II**. Florianópolis: Ed. Insular, 2015. p. 31-43.

SALES, Valéria Fernanda Sousa. Espetacularidades na Iluminação de Finados em Curuçá-PA. In: **Anais da IX REUNIÃO CIENTÍFICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS** | Diversidade de Saberes - As Artes Cênicas em Diálogo com o Mundo. Saberes da Terra e Identidades. V. 18, n. 1 (2017). ISSN 2176-9516.

_____. **Lágrimas e cachaça: a Espetacularidade do cortejo fúnebre do Frete em São João do Abade, Curuçá-PA**. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2014.